

# VIOLÊNCIAS POR PROFESSORES/AS CONTRA SEUS/AS ALUNOS/AS

SCARLATTO, Elaine Cristina<sup>1</sup>  
CARLINDO, Eva Poliana<sup>2</sup>  
SILVA, Marilda<sup>3</sup>

## Resumo

Este estudo investiga atos agressivos manifestados pelos/as professores/as contra seus/as alunos/as em sala de aula. Para tanto, recorreremos às contribuições da literatura brasileira acerca da violência escolar, produzida na última década e publicada na Base *Scielo* e utilizamos como fonte 32 histórias de escolarização narradas por alunas que, em 2004, cursaram a disciplina Didática II do curso de Pedagogia oferecido pela Faculdade de Ciências e Letras – campus de Araraquara – Unesp. Os resultados da literatura indicaram que professores/as também são protagonistas de violências contra seus/as alunos/as e que, em geral, estes/as profissionais estão despreparados para combater o fenômeno. As análises das histórias mostraram que os/as professores/as dos diferentes níveis de ensino praticam atos agressivos contra seus/as alunos/as, físicos e verbais, predominando os verbais. Faz-se urgente conhecer essa problemática para que possamos pensar em alternativas futuras, tendo em vista o cumprimento do ECA que visa, sobretudo, assegurar os direitos fundamentais.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos; História de escolarização; Exclusão; Violência escolar.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara – UNESP. E-mail: [elaine\\_unesp@hotmail.com](mailto:elaine_unesp@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara – UNESP. E-mail: [policarlindo@yahoo.com.br](mailto:policarlindo@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Professora Livre Docente do Departamento de Didática da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara – UNESP. E-mail: [marilda@fclar.unesp.br](mailto:marilda@fclar.unesp.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Há aproximadamente duas décadas vigora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990). Trata-se de um avanço no que diz respeito à garantia de direitos a todas as crianças e adolescentes. Invoca a sociedade, família e Estado, tendo em vista a garantir condições de vida humanamente respeitáveis a todas as pessoas em desenvolvimento. A cidadania é o pressuposto fundamental para evitar a exclusão social desses agentes. A implementação desse valioso instrumento depende da participação de todos, sobretudo, dos/das professores/as, uma vez que esses profissionais são diretamente responsáveis pela formação pessoal das crianças e dos adolescentes.

Segundo o ECA Brasil (1990, p. 26):

*Nenhuma criança ou adolescente será objeto de quaisquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.*

Considerando estes aspectos, são necessários estudos e reflexões acerca da relação entre direitos humanos, exclusão social e ensino na sala de aula. Mais especificamente, pesquisas que mostrem como os/as professores/as tem participado de modo positivo do processo de construção da cidadania, em sentido amplo e restrito; bem como se e em que medida os/as professores/as contribuem negativamente com este processo em relação às crianças e adolescentes no Brasil, consequentemente aumentando suas chances de exclusão social nas últimas décadas.

Tendo em vista o segundo aspecto levantado acima, o objetivo deste estudo foi investigar, por meio da literatura e de relatos de alunos/as sobre sua história de escolarização, atos agressivos cometidos por professores/as contra seus/as alunos/as em sala de aula.

## 2. METODOLOGIA

A partir do descritivo “violência escolar”, realizamos um levantamento bibliográfico na base de dados do Scielo (Scientific Electronic Library Online) dos artigos publicados de 2001 a 2008, cujo tema central é a violência sofrida e cometida em escolas brasileiras. A base *Scielo* disponibiliza textos de distintas áreas do conhecimento acerca dessa problemática. Para o recorte cronológico, partimos do texto de Marília Pontes Sposito, de 2001, como marco inicial, uma

vez que se trata do primeiro balanço de pesquisas sobre as relações entre violência e escola no Brasil. Examinamos, assim, quatorze produções.

Simultaneamente, investigamos 32 Histórias de escolarização produzidas por trinta e duas alunas em 2004, nossas fontes. A produção dessas histórias ocorreu no âmbito da disciplina Didática II, que é ministrada no primeiro semestre, na seriação ideal, ao terceiro ano da Graduação em Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras – campus de Araraquara - Unesp. Essa atividade didática permite uma reflexão sobre a natureza da formação teórica e da formação prática desses futuros/as professores/as e, é claro, sobre a formação e atuação docente, tendo como foco a Educação Infantil e o Ciclo I do Ensino Fundamental para os quais a referida graduação certifica. A técnica empregada na identificação e organização dos dados coletados nas fontes é Análise do Conteúdo de BARDIN (1971). Contudo, se trabalhou apenas com conteúdo explícito sobre os atos agressivos físicos e verbais cometidos por professores/as contra seus/as alunos/as, segundo relatos dos alunos nas respectivas Histórias de Escolarização.

Os excertos autobiográficos extraídos das 32 histórias de escolarização foram categorizados em tipos: atos agressivos físicos e atos agressivos verbais. Agressivos físicos quando houve contato físico mediado, ou não, por algum objeto. Atos agressivos verbais quando houve xingamentos ou quaisquer verbalizações de caráter ofensivo.

Assim, entrecruzamos as reflexões advindas dos artigos produzidos de 2001 a 2008 e consultados com as informações oferecidas pelas trinta e duas autoras de nossas fontes. Há que se observar que as fontes foram produzidas somente por mulheres. A seguir apresentaremos uma síntese da literatura consultada a propósito da violência em meio escolar e depois o que dizem nossas fontes.

### **3. RESULTADOS**

#### **1. Violência em meio escolar: o que diz as produções registradas na base *Scielo* no período de 2001 a 2008.**

MARÍLIA PONTES SPOSITO (2001, pág. 101) enfatiza que ao estudar a temática da violência em meio escolar no Brasil devemos nos atentar para não investigar somente a violência praticada pelos/as alunos/as, pois há diferentes pólos quando se trata dessa questão, isto é, há diferentes agentes responsáveis pelas manifestações desse fenômeno. Por exemplo, segundo CAMACHO (2001 *apud* MARRIEL *et al.* 2006, p. 36 – 37), há duas manifestações básicas de violência na escola: física (brigas, agressões físicas e depredações) e não-física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização

com palavras e atitudes de desmerecimento); tendo como protagonistas, ou vítimas, ora os/as alunos/as, ora os/as professores/as e funcionários/as. Utilizamos aqui essa categorização para extrairmos as informações da respectiva literatura. Contudo, acrescentamos o fenômeno *bullying*, porque também aparece na literatura consultada.

A propósito, *bullying*, sucintamente, é constituído por comportamentos repetitivos de opressões, agressões. Enfim, ações destrutivas cometidas por pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, segundo autores como MARRIEL *et al.* (2006), Liberal *et al.* (2005). Contudo, autores como ANTUNES e ZUIN (2008), apesar de se referirem a esse fenômeno, o fazem apresentando uma crítica ao conceito *bullying*, pois advogam uma reflexão sobre a manifestação de preconceitos.

No que se trata da violência em meio escolar os artigos de ZALUAR e LEAL (2001), SANTOS (2001), ARAÚJO (2001) e LIBERAL *et al.* (2005) sublinham a questão dos impactos do tráfico de drogas ou dos bandidos (*sic*) no âmbito escolar. Segundo esses autores, dentre os reflexos extramuros, tem-se a prática do porte de armas por menores, acarretando, muitas vezes, mortes, repetência e evasão escolar. RISTUM e BASTOS (2004), SANTOS (2001), GONÇALVES e SPOSITO (2002), NJAINE e MINAYO (2003) e ARAÚJO (2001) também afirmam a crescente presença de arma de fogo e/ou arma branca nas escolas.

Os roubos e depredações aos estabelecimentos de ensino foram abordados por SANTOS (2001) e GONÇALVES e SPOSITO (2002, p. 103). Os autores constataram que as medidas de segurança ostensiva não alteraram, de forma significativa, as ocorrências desse tipo. O estudo de GONÇALVES e SPOSITO (2002, p. 103-104) revela também, que em relação às agressões cometidas contra alunos/as, “[...] o fenômeno varia de intensidade em cada Estado da federação. Os maiores índices foram registrados no Distrito Federal, em Brasília (58, 6%), e os mais baixos índices, no Estado de Goiás (8,5%) [...]”

Além disso, a literatura traz dados acerca de agressões físicas contra professores/as. Por exemplo, NJAINE e MINAYO (2003, p. 126) afirmam: “Em Iguatu foi muito comentada a agressão de uma mãe e de seu filho a uma professora que é muito estimada por todos os jovens, porque esta chamou a atenção desse aluno.” E assim por diante.

CAMACHO (2001, p. 131) estudou as práticas sutis de violência presentes no cotidiano da escola. De acordo com a autora, há, em meio escolar, práticas constantes de violência não-física, verbal e com outras formas de manifestação, como segregação, exclusão, indiferença, essas últimas ficando geralmente disfarçadas ou mascaradas.

A pesquisa de NJAINE e MINAYO (2003, p. 121), realizada em escolas públicas e particulares dos Estados do Ceará (cidade de Iguatu), Minas Gerais (Juiz de Fora) e São Paulo (Campinas) revela que a “[...] humilhação foi a forma

de agressão mais sofrida pelos alunos, seguida pelos furtos, ameaças e destruição de seus objetos”. Essa pesquisa ressalta, também, a agressividade com que muitos alunos/as se dirigem aos/às educadores/as, levando-os/as muitas vezes a desistirem da profissão.

SANTOS (2001, p. 04) ressalta, ainda, a violência simbólica exercida por professores/as e funcionários/as das instituições escolares contra os/as alunos/as. Trata-se de “[...] uma relação de poder que impõe um conjunto de valores ao conjunto da população envolvida”.

Nesse sentido, ZALUAR e LEAL (2001), indicam que a maior violência que a instituição escolar comete contra os/as alunos/as está na sua incapacidade de habilitá-los para enfrentar os problemas do mundo contemporâneo, acenando, também para a violência simbólica. Além disso, as autoras fazem críticas aos/às professores/as que não dominam o conteúdo, que manifestam atitudes agressivas com os/as alunos/as, desencadeando problemas de baixa auto-estima nestes e, sobretudo, as manifestações de violência praticada contra os alunos pobres, ora nos processos de avaliação, ora nas formas de relação interpessoais. Também foi constatado na pesquisa de Araújo e Pérez (2006, p. 461), que, buscando desvelar a violência da escola sobre as crianças, advogam que a democratização do acesso à escola, evidenciada por meio dos dados do MEC, “[...] não representou uma real democratização do acesso ao saber e à cultura letrada”. Observam, ainda, que muitas vezes a prática pedagógica efetivada nas salas de aula das escolas está arraigada em estereótipos e dispositivos disciplinares.

Sobre esse fenômeno, violência simbólica, MARRIEL *et al.* (2006) evidenciaram, na pesquisa desenvolvida com uma amostra de 1.686 alunos das 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 1º e 2º anos do Ensino Médio do Rio de Janeiro, diferentes modos dessa violência ser cometida: imposição de conteúdos insignificantes para os/as alunos/as, aplicação de conteúdos precários, pressão baseada no poder de atribuir notas, ignorância dos problemas dos/as alunos/as, forma pejorativa em tratá-los e o fato de dirigir-lhes agressões verbais e expô-los ao ridículo quando estes não compreendem o conteúdo (o que, segundo os/as autores, desencadeia em baixa auto-estima dos/as alunos/as prejudicando-lhes o desenvolvimento educacional). É importante ressaltar que, em tal trabalho, MARRIEL *et al.* (2006, p. 46), os autores apontam que “[...] investir na melhoria da relação professor/a - aluno/a é um alvo a ser destacado”, tendo em vista o combate à violência em meio escolar. Além disso, destacam a importância da formação de professores/as, pois educadores/as mal preparados podem acentuar comportamentos arremdios nos/as alunos/as.

Nessa mesma direção, NJAINE e MINAYO (2003) também evidenciam que os/as professores/as que participaram de sua pesquisa revelaram despreparo para lidar com a realidade violenta. Segundo as autoras, muitos não dão atenção aos/às alunos/as ou os agridem verbalmente. É constante,

também, a violência verbal, sendo os funcionários da unidade escolar os protagonistas. CHRISPINO, DUSI e Masotti (2008) e Lopes *et al.* (2008) advogam que é necessária a capacitação/formação de professores/as e profissionais da escola sobre o tema. Camacho (2001) aponta falhas na formação dos professores que, para ela, desconhecem os caminhos que devem percorrer e como lidar com a problemática.

Nota-se na literatura consultada que nas instituições escolares de nosso país ocorrem violência física e violência verbal. Na maioria das vezes esses dois tipos de violência, além de se manifestarem explicitamente, corroboram a violência simbólica que é o tipo mais difícil de ser percebido pelas vítimas. Apesar do ECA (Brasil, 1990), alunos e alunas brasileiros/as vêm sendo expostos à violência em meio escolar. E o mais grave: professores e professoras são agressores e agressoras, quando deveriam ser protagonistas da não violência, sobretudo, em meio escolar.

## 2. A violência nas Histórias de Escolarização: nossas fontes documentais

### 2.1 Breve caracterização das fontes

As informações que serão aqui apresentadas dizem respeito à identificação de cada sujeito: ano de nascimento, gênero, idade em que se encontrava no momento da produção da história, início da escolarização, instituição escolar em que cursaram a educação básica. Identificamos as 32 autoras de nossas fontes como Sujeitos, atribuindo-lhes um número: Sujeito 1, Sujeito 2, Sujeito 3, sucessivamente, até o Sujeito 32, a fim de preservarmos o anonimato ao relatarmos suas experiências escolares.

Sujeito	Gênero	Nascimento	Início dos estudos	Idade em 2004	Instituição escolar
1	Feminino	1982	1988	22	Escola Pública
2	Feminino	1982	1987	22	NÃO INFORMOU
3	Feminino	1983	1985	21	Escola Privada e Escola Pública
4	Feminino	1981	1984	23	Escola Pública
5	Feminino	1984	1987	20	NÃO INFORMOU
6	Feminino	1981	1984	23	Escola Pública
7	Feminino	1983	1987	21	Escola Privada e Escola Pública
8	Feminino	1982	NÃO INFOR	22	Escola Pública e Escola Privada

			MOU		
9	Feminino	1984	1986	20	Escola Pública
10	Feminino	1983	1988	21	NÃO INFORMOU
11	Feminino	1984	1987	20	Escola Privada
12	Feminino	1983	1990	21	Escola Pública e Escola Privada
13	Feminino	1984	1987	20	Escola Privada
14	Feminino	1983	1985	21	Escola Pública e Escola Privada
15	Feminino	1983	1986	21	Escola Pública e Escola Privada
16	Feminino	1981	1986	23	NÃO INFORMOU
17	Feminino	1982	1983	22	NÃO INFORMOU
18	Feminino	1982	1988	22	NÃO INFORMOU
19	Feminino	1980	1986	24	NÃO INFORMOU
20	Feminino	1983	1987	21	Escola Pública e Escola Privada
21	Feminino	1981	1985	23	Escola Privada e Escola Pública
22	Feminino	1980	NÃO INFOR MOU	24	NÃO INFORMOU
23	Feminino	1982	1984	22	Escola Privada
24	Feminino	1983	NÃO INFOR MOU	21	Escola Pública e Escola Privada
25	Feminino	1982	1988	22	Escola Pública
26	Feminino	1983	1988	21	Escola Pública e Escola Privada
27	Feminino	1982	1988	22	Escola Pública
28	Feminino	1979	1986	25	Escola Pública
29	Feminino	1982	1988	22	Escola Pública e Escola Privada
30	Feminino	1982	1985	22	Escola Pública e Escola Privada
31	Feminino	1983	1989	21	NÃO INFORMOU
32	Feminino	1982	1987	22	NÃO INFORMOU

Quadro I – Uma caracterização dos sujeitos-autores: 2004.

Fonte: *Própria, retirada dos trabalhos intitulados Histórias de Escolarização.*

Como se pode perceber no Quadro I, os sujeitos fazem parte da recente e atual história da escola brasileira, pois freqüentaram a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio há pouquíssimo tempo, quando se pensa na produção e reprodução de um fenômeno dessa ordem de grandeza, tanto do ponto de vista da Educação Escolarizada como da sociedade em geral.

Ressaltamos também que nossas fontes (histórias de escolarização) nos permitiram trabalhar com um número expressivo de professores/as, visto que os 32 sujeitos desta investigação se reportam a atos agressivos dos professores/as que fizeram parte de toda a sua história de escolarização – da Educação Infantil ao Ensino Médio. De modo semelhante, as investigações dos autores da literatura consultada também trazem um número significativo de professores/as e alunos/as, com diferentes idades e de distintas escolas no que tange aos níveis de ensino, redes de Ensino (públicas e privadas) e regiões do país. Por exemplo, a pesquisa de NJAINE e MINAYO (2003) foi realizada em escolas públicas e particulares dos Estados do Ceará (cidade de Iguatu), Minas Gerais (Juiz de Fora) e São Paulo (Campinas). O estudo de MARRIEL *et al.* (2006) investigou uma amostra de 1.686 alunos das 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental e 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> anos do Ensino Médio do Rio de Janeiro, etc.

## 2.2 Ouvindo as vítimas

Identificamos nas 32 fontes 78 episódios de agressividade, físicos e verbais. Em média dois episódios por história de escolarização. Distintamente foram: 11 físicos e 67 verbais.

Considerando que o maior número de atos agressivos registrados pelos 32 sujeitos deste estudo concentra-se na categoria Agressivos Verbais, são a eles que nos dedicaremos a seguir.

Estabelecemos as seguintes sub-categorias para a categoria Agressivos Verbais: Grito; Humilhação; Preconceito (social, gênero, necessidades especiais e xenofobia) e Punição (colocar o aluno atrás da porta, decorar um conteúdo, deixar de recuperação, formas de exclusão, escrever 100, 300 e ou 500 vezes uma frase); embriaguez e assédio por parte do professor/a. A seguir apresentamos alguns fragmentos com o intuito de dar a ver o conteúdo das respectivas sub-categorias:

### Grito

A professora da pré-escola, muitas vezes perdia a paciência comigo, pois eu sempre queria ajudar as outras crianças, não queria vê-las atrasadas e, por isso, quando eu acabava minhas tarefas, percorria pela classe para ajudar as outras crianças. Isso a irritava um pouco, pois ela ficava o dia todo me mandando sentar. *Certo dia, minha mãe estava*



*passando na frente da escola quando ouviu uma gritaria e resolveu parar. A porta da classe estava aberta e minha mãe pôde ver a professora gritando comigo, enquanto eu me encolhia contra a parede, na tentativa de me defender. (Sujeito 29).*

### **Humilhação**

Uma coisa que essa professora fazia, e na época eu não achava estranho, mas agora vejo que é muito errado, é que ela, acho que uma vez a cada duas semanas, queria que a gente colocasse as mãos em cima das carteiras para que ela visse como estavam as nossas unhas. Até ai nem é muito estranho, mas *quem estivesse com as unhas compridas, ela escrevia em uma folhinha, com o título em cima: “Os Gaviões da Sala” e fixava na parede. [...] tento imaginar, agora, como ficavam as crianças que tinham seus nomes nessa lista. (Sujeito 26).*

### **Preconceito**

Sentia muita pena do meu amigo que era deficiente físico, [...] pois *esta mesma professora ficava “espalhando” para os alunos que ele não passaria daquele ano, e que ele só estava indo à escola para não entrar em depressão, pois não chegaria a se formar conosco. Ele ouvia tudo isso e abaixava a cabeça, seus olhos enchiam de lágrimas e seu único gesto era a mudança de uma das pedras do tabuleiro, eu sentia tanta pena dele, que muitas vezes, eu o deixava ganhar, só para vê-lo feliz. (Sujeito 29).*

### **Punição**

A leitura bíblica era obrigatória e *se um aluno cometesse alguma falta na escola ou apresentasse indisciplina, teria de copiar um salmo por até cem vezes, o que acabava por indicar que ler a Bíblia era um verdadeiro castigo. (Sujeito 12).*

### **Embriaguez**

Outro pequeno desastre em forma de professor, que infelizmente cruzou nosso caminho, foi S., o professor de química. O homem estava a um passo da esclerose e ainda dava aula. Grisalho – não que isso justifique sua rabugice! e de cara amarrada S. sabia ser grosseiro com as palavras; era um homem infeliz e mal-educado. Ele conseguiu destruir o encanto que D. A. havia me causado pela química. Às vezes - chegávamos a notar – *S. nos dava aula após alguns goles de bebida alcoólica. Sabíamos disso por duas razões: primeiro, seu hálito o denunciava e, segundo, ele não se movia pela classe. Quando estava nessa situação, S. encostava-se à lousa e*

*não mais se movia até o final da aula. Em outras ocasiões, portanto, circulava pela sala, normalmente.* (Sujeito 10).

### **Assédio**

[...] episódio da *professora de psicologia que me mandava bilhetinhos amorosos*, e eu não sabia o que fazer para demonstrar que não gostava dela, sem magoá-la. (Sujeito 29).

Dessa forma, defrontamos-nos com um paradoxo: um grupo integrado por agentes sociais que tem como uma de suas funções primordiais, de acordo com BERNARD CHARLOT (2006, p. 15), humanizar, ao contrário, desumanizam a escola e seus/as alunos/as.

Sendo assim, este estudo, em consonância com a literatura consultada, evidencia que professores/as praticam violências contra seus/as alunos/as em sala de aula. Embora a literatura traga contribuições significativas ao estudo do referido fenômeno, acreditamos que nossa investigação a complementa, pois desvela atos agressivos de professores/as, tais como embriaguez e assédio.

### **Considerações finais**

Nota-se que a literatura consultada e nossas fontes apresentam dados semelhantes, isto é: alunos e alunas de escolas brasileiras vêm sofrendo violência em meio escolar e, neste caso, em sala de aula, cometida também por professores e professoras. O mais grave é que esta situação, violência por professores/as contra seus/as alunos/as, faz parte de uma recente e atual história da escola brasileira. Nesse sentido, o ECA, nacionalmente, parece não estar sendo aplicado pelos agentes escolares que são responsáveis diretos pela construção da cidadania. A agressão cometida por professores/as contra alunos/as contribui para a manifestação das diferentes fases da exclusão “todas perversas contumazes”! Cabe-nos encontrar alternativas-formativas para formação inicial e continuada de professores/as em curto prazo e de longo alcance para que esses profissionais combatam a violência ao invés de fortalecê-la em meio escolar.

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 33-41, jan./abr 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102->

- 71822008000100004&script=sci\_arttext&tlng=es> Acesso em 20 de outubro de 2010.
- ARAÚJO, C. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 01, p. 141–160, jan/jun 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100010)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- ARAÚJO, M. S.; PÉREZ, C. L. V. Um jogo de luz e de sombras: lógicas de ação no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 461 – 469, set/dez 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/275/27503307.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1971.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Cortez, 1990.
- CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 01, p. 123–140, jan/jun 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100009)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPED, v. 11, n. 31, jan./abr, 2006, p. 07-18. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- CHRISPINO, A.; DUSI, M. L. H. MASOTTI. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. *Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597–624, out/dez 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362008000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000400007)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- GONÇALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Revista Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 101-138, março 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- LIBERAL, E. F.; AIRES, R. T.; AIRES, M. T.; OSÓRIO, A. C. A. Escola segura. *Revista Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 05, p. 155-163,

- Nov. 2005. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa05.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- LOPES, R. E.; ADORNO, R. C. F.; MALFITANO, A. P. S.; TAKEITI, B. A.; SILVA, C. R.; BORBA, P. L. O. Juventude pobre, violência e cidadania. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.17, n.3, p. 63-76, 2008. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000300008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000300008&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- MARRIEL, L. C.; ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; OLIVEIRA, R. V. C. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Revista Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Revista Interface*, Botucatu, v. 17, n. 13, p. 119–134, ago. 2003. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742006000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- RISTUM, M.; BASTOS, A. C. S. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. *Revista Ciência Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 09, n. 01, p. 225–239, 2004. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000100022&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000100022&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 01, p. 105–122, jan/jun 2001. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 01, p. 87–104, 2001. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100007&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.
- ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145–164, fev. 2001. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000100008)>. Acesso em 20 de outubro de 2010.